

O Problema do Bem e do Mal em Spinoza e Nietzsche: Para uma crítica dos valores morais

CARLOS WAGNER BENEVIDES GOMES *

HENRIQUE LIMA DA SILVA **

RESUMO

Benedictus de Spinoza (1632-1677) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) trataram de combater a concepção moral do mundo fundada num conceito absoluto e metafísico de Bem. A questão do *Bem* e *Mal* representa um interesse para ambos os filósofos. Tendo como referências as obras, *Ética* de Spinoza, e a *Primeira dissertação da Genealogia da Moral* de Nietzsche, o presente artigo tem como finalidade analisar os conceitos de bem e mal nas duas correntes filosóficas, e por fim, fazer uma relação desses dois autores. O resultado da pesquisa foi o seguinte: Spinoza, filósofo racionalista do século XVII, entendia bem e mal como modos do pensar humano que eram atribuídos para a comparação de coisas. Nietzsche, filósofo e filólogo do século XIX, analisou a moral de

* Mestrando em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC. Bolsista da CAPES. Membro do GT BENEDICTUS DE SPINOZA – UECE. E-mail: wagnercarlos92@gmail.com.

** Mestrando em Filosofia pela UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE. Bolsista da CAPES. Membro do GT BENEDICTUS DE SPINOZA – UECE. E-mail: henriquecaute@gmail.com.

GOMES, CARLOS WAGNER BENEVIDES; SILVA, HENRIQUE LIMA DA. **O PROBLEMA DO BEM E DO MAL EM SPINOZA E NIETZSCHE: PARA UMA CRÍTICA DOS VALORES MORAIS.** P. 133-154.

forma histórica-crítica e ver a relação bem e mal como jogos de interesses entre classes nobres e escravas onde há uma inversão de valores.

PALAVRAS-CHAVE

Spinoza. Nietzsche. Bem. Mal. Moral.

The Problem of Good and Evil in Spinoza e Nietzsche: For Critical of Moral values

ABSTRACT

Benedictus de Spinoza (1632-1677) and Friedrich Nietzsche (1844-1900) tried to fight the moral view of the world founded in an absolute and metaphysical concept of Good. The question of good and evil is a concern for both philosophers. Taking as reference the works, Spinoza's *Ethics* and the *First dissertation* of the Nietzsche's *Genealogy of Morals*, this article aims to analyze the good and evil concepts in both philosophies, and finally make a relationship of these two authors. The survey results were as follows: Spinoza, rationalist philosopher of the seventeenth century, understood good and evil as ways of human thinking they were assigned to the comparison of things. Nietzsche, philosopher and philologist of the nineteenth century, analyzed the moral of historical-critical way and see the good and evil relationship as games of interest between noble classes and slaves where there is an inversion of values.

KEYWORDS

Spinoza. Nietzsche. Good. Evil. Moral.

Introdução

Desde a antiguidade grega, precisamente, com a metafísica, existiram muitos conceitos que foram seguidos moral e teologicamente. O dualismo metafísico, por exemplo, defendeu valores absolutos como a relação corpo e alma, assim como, o bem e o mal. E estas eram umas das questões que suscitavam na sociedade uma visão de mundo e da realidade como um todo. Discutir a problemática da moral é antes de tudo estudar e investigar a cultura, a história e a linguagem empregada por um determinado povo. Spinoza, filósofo racionalista holandês do século XVII, é considerado por alguns como o primeiro exegeta moderno da Bíblia. O pensador foi responsável por ter criado, na obra *Tratado Teológico-Político*, um método histórico-crítico nas interpretações das Sagradas Escrituras. O método consistia numa análise rigorosa seguindo o seguinte raciocínio: quando e onde foi escrita, quem escreveu e a quem se destinava. Além disso, ele analisou a política da época e a moral dominante. Assim, o método levou Spinoza à investigação sobre a cultura dos judeus, os profetas, a língua originária que foi o hebraico, etc. No que se refere à problemática do bem e do mal, Spinoza trata com precisão em sua *Ética*, Parte IV, os conceitos de bem e de mal como modos do pensamento humano para distinguir aquilo que lhe traz potência de agir ou não, aquilo que de alguma forma, é útil (bom) ou nocivo (mau).

No século XIX, um pensador alemão também se tornou conhecido como um grande filólogo e um estudioso das línguas, precisamente, da cultura grega: Friedrich Nietzsche. Preocupando-se com os

problemas morais de uma época em que predominava o fanatismo e a intolerância religiosa cristã, Nietzsche faz uma genealogia da moral. Como um filólogo, ele investiga a língua originária no que se refere aos conceitos de Bom e Mau e das relações entre as classes de nobres e escravos. O pensador percebeu que, desde a antiga concepção grega¹, a sociedade sempre jogou com os termos bem e mal, bom e mau à medida que levavam para seus interesses próprios². Mas, evidentemente, o alvo de maior crítica nietzschiano refere-se à *transvaloração* de todos os valores e da inversão destes pelo Cristianismo. Segundo Nietzsche, no que se refere ao conceito de bom e mau, houve uma disputa ideológica tanto entre os nobres (ricos) e os escravos (plebeus) como aos religiosos enquanto pessoas ressentidas. A religião judaico-cristã queria inverter o valor empregado do bom, o nobre e o guerreiro, definindo-o como algo mau e chamando o pobre e fraco de bom. A partir deste momento, Nietzsche fala de uma vitória e triunfo da moral dos escravos imposta pela cristandade. Explicando sempre a relação entre o bom e o mau nas culturas nobres e escravas, o filósofo distingue a política, a ideologia e

1 Sobre o empenho nietzschiano dos estudos da cultura grega cf. NIETZSCHE, F, *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*, §1, 1978, p.31: “Nada é mais tolo do que atribuir aos gregos uma cultura autóctone: pelo contrário, eles sorveram toda a cultura viva de outros povos, e se forem tão longe, é precisamente porque sabiam retomar a lança onde um outro povo a abandonou, para arremessá-la mais longe.”

2 Neste caso, de interesses particulares que, para Nietzsche, assim como a questão da verdade que não existe somente uma, mas várias verdades.

a filosofia destes. A moral do nobre consistia, pois, na afirmação da vida, ao contrário a moral do escravo numa negação e resignação da vida, tal como o que doutrina a religião cristã.

Para tanto, a proposta deste artigo é analisar e estudar a concepção crítica da moral do bem e do mal nos filósofos Spinoza e Nietzsche, visto que, ambos foram pensadores criticaram muitas ideias sobre verdades e juízos absolutos acerca do que é bem/bom e do que é mal/mau. Assim, faremos uma tentativa de associar e de fazer um paralelo entre Spinoza e Nietzsche ao pensar as ideias de potência de agir, de afirmação de vida e de liberdade.

1 O Bem e o Mal na Ética de Benedictus de Spinoza

1.1 O bem e mal não representam nada

*Si homines liberi nascerntur, nullum boni et Mali formarent conceptum, quamdiu liberiessent.*³ Uma das questões tratada no spinozismo com maior proporção é aquela que diz respeito ao bem e ao mal. Assim, como podemos ver em umas das obras de mais relevância de Spinoza, a saber, à *Ethica*⁴, mas precisamente na quarta

3 “Se os homens nascessem livres, enquanto livres, não formariam, enquanto fossem livres, qualquer conceito do bem e de mal.” (EIV P68).

4 A *Ética*, publicada postumamente em 1677, foi escrita em latim conforme o modelo geométrico de Euclides utilizando axiomas, definições, proposições, escólios, corolários, etc. Para citarmos esta obra utilizamos as seguintes abreviaturas: Partes (EI, EII, etc.), Prefácio (Pref.), Axiomas (Ax.), Definição (Def.), Proposição (P),

parte da mesma onde o autor irá dar seu parecer acerca de tal questão, à ordem dos geômetras. Já de início, no prefácio da Parte IV da *Ethica*, Spinoza nos diz que, muitas vezes, os homens são conscientes de suas ações e de seus apetites (sentimos que agimos), no entanto, não sabem as causas que os determinam a apetecerem. Bem e mal, em Spinoza, são conceitos que em si não representam nada. São noções ou modos de pensar que os homens formam para fazer comparações entre as coisas, pois como o próprio filósofo exemplifica: uma só e mesma coisa pode ser boa, má ou até mesmo indiferente, e assim, ele dá o exemplo da música que pode ser boa para o melancólico, má para o aflito e indiferente para o surdo. Nas definições 1 e 2 EIV, temos: “Por bem compreendo aquilo que sabemos, com certeza, nos ser útil”, do contrario, “Por mal compreendo aquilo que sabemos, com certeza, nos impedir que desfrutemos de algum bem”. Neste sentido, o que podemos verificar nessas definições é que Spinoza não universaliza o bem, pois põe no campo da utilidade dos indivíduos, de modo que bem e mal passam a ser relativos.

1.2 Bem e mal: afetos de alegria e de tristeza

Por conseguinte, na EIV P68, o filósofo nos diz que bem e mal na medida em que estamos conscientes deles são afetos de alegria ou de tristeza, e que tais afetos podem estimular ou refrear a nossa potência de agir. De maneira que, quando percebemos que

Demonstração (Dem.), Escólio (S), Corolários (cor.), Postulados (Post.), Definição dos Afetos (AD), Apêndice (A), etc. Exemplo de citação: EII P9S para *Ética*, Parte 3, proposição 9, escólio.

uma coisa nos é útil e essa determinada coisa nos afeta de alegria ou de tristeza , assim dizemos que tal coisa é boa ou má. Portanto, podemos dizer que bem e mal é o conhecimento de um afeto de alegria ou de tristeza ligado a uma ideia de alegria ou de tristeza. Spinoza nos fornece uma informação importante: as ideias de bem e de mal estão unidas ao afeto da mesma maneira que a mente está unida ao corpo. Na filosofia spinozana, corpo e mente não são algo separado, pois são efeitos simultâneos de dois modos finitos de uma única substância que ora podemos conceber como manifestação finita do atributo extensão, no caso o corpo, e ora podemos conceber como determinação do atributo pensamento, a saber, mente. Mas, nunca mente e corpo mantém uma relação de subordinação uma a outra e sim uma relação multa. Sendo assim, essa ideia de alegria e de tristeza não se distingue, como o próprio Spinoza ressalta, da ideia da afecção do corpo humano senão conceitualmente.

Spinoza nos fala de um conhecimento verdadeiro do bem e do mal, tal como já vimos, no entanto, conforme a EIV P14, mesmo que tenhamos um conhecimento verdadeiro do bem e do mal ou consciência de tal afeto de alegria ou de tristeza que se sucede em nós não poderemos refreá-lo, isto é, não enquanto conhecimento verdadeiro, mas sim como um afeto. Desse conhecimento verdadeiro do bem e do mal enquanto afeto tem a mesma força desse afeto. A mente esforça-se tanto quanto pode nessas ideias independentes de eles serem adequadas ou inadequadas (paixões) e essa conservação tem um tempo ilimitado. A mente por meio das afecções do

corpo tem consciência deste. Para Spinoza, a vontade trata-se desse esforço quando referido apenas à mente, no entanto, quando esse esforço (*conatus*) está referido à mente e ao corpo chama-se de apetite, e são esses dois elementos que constituem a essência do homem. O desejo é a consciência que temos de nosso apetite e é a partir dessa afirmação que o filósofo conclui na EIV P9 que “não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejá-la, que a julgamos ser boa”.

1.3 O bem e o mal como relações de composição e de decomposição

Dentre as cartas que Spinoza trocou no perpassar de sua vida, podemos fazer referência àquelas que o filósofo francês Gilles Deleuze faz uma exposição em seu livro sobre Spinoza intitulado *Spinoza: Uma Filosofia Prática* (1981). Trata-se de uma sequência de cartas que Deleuze chama de *cartas do Mal*. Nessa sequência, o tema principal a ser discorrido é a o mal, e assim, temos o amigo de Spinoza, Willem van Blijenbergh (1632–1696) indagando a respeito dessa questão. Destarte, a questão do bem e do mal, trata-se de uma relação de composição e de decomposição partindo do princípio físico dos encontros (*occursus*) dos corpos com outros. Deleuze nos dá o seguinte exemplo: o veneno arsênico ao entrar em contato com o corpo é uma composição, mas, quando o veneno é ingerido, decompõe a relação do corpo que o ingere, no entanto, o arsênico compõe a sua relação da parte da ação que decompõe o corpo que entra na ação do próprio arsênico.

Assim, Blijenbergh considerou estas relações casos de vício e de virtude. O primeiro cujas relações são de composição, e o outro, as relações são de decomposição. Mas, para que possamos compreender melhor essa relação de composição e decomposição, Spinoza nos fornece um exemplo: o matricídio de Nero e de Orestes. Os dois mataram suas mães da mesma forma, mas quais dos dois agiram de uma forma mais correta ou justa? Qual será o critério para avaliarmos essa questão? O ato de matar uma pessoa em si não valida por si mesma se foi algo justo ou injusto, bom ou ruim. No entanto, Spinoza ressalta que Nero ao matar sua mãe ele o fez de modo ingrato, impiedoso, insubmisso. Sendo assim, ele difere de Orestes que fez por vingança porque sua mãe tinha matado seu pai Agamenon. Esse tipo de análise spinozana decorre porque uma só ação pode ser associada a varias outras imagens. O ato como é posto por Spinoza na EIV P59, por exemplo, de levantar seu punho e encerrar com toda a sua força pode ser associada a varias imagens de coisas. Uma ação considerada em si só não é nem boa nem má. Em vez disso, uma só e mesma coisa e ora boa, e ora má. A Virtude, para Spinoza, consiste, como bem Deleuze ressaltou, na efetivação da potência do nosso corpo, ou seja, aquilo que um corpo pode fazer. O que irá determinar uma ação boa ou má será sua imagem na qual está associada a tal ação, no caso um afeto, assim como sabemos que essa imagem pode ser tanto confusa como também clara e distinta. No entanto, como entender, por fim, essa composição e de composição?

Para Deleuze, num exemplo, questionou: quando deixo cair meu punho sobre um bumbo, como se define

a membrana? A tensão da membrana é definida por uma relação, uma potência ou ainda uma harmonia. Assim, essa ação está associada à imagem de alguma coisa cuja relação se compõe diretamente com esta ação, ou seja, terei da membrana a harmonia. Com isso, concluiremos que a ação que nos possibilita uma composição poderá ser chamada de boa, caso contrário, de má.

2 O Bem e o Mal na *Genealogia da Moral* de Friedrich Nietzsche

Algo de escolaridade histórica e filológica, inclusive um inato sentido seletivo em vista de questões psicológicas em geral, transmutou em breve meu problema neste outro: sob que condições inventou-se o homem aqueles juízos de valor, bom e mau? E que valor têm eles mesmos?⁵

2.1 Uma introdução à *Genealogia da Moral*

Em 1887, Nietzsche publica sua obra *Para a Genealogia da Moral - Um escrito polêmico em adendo e "Para Além de Bem e Mal" como complemento e ilustração*. Esta obra é organizada em três dissertações (*Primeira dissertação - "Bom e mau", "Bom e ruim", Segunda dissertação - "Culpa", "má consciência" & companhia e Terceira dissertação - O que significam ideais ascéticos*). Nietzsche faz um trabalho rigoroso acerca da moral. Temos, pois, a explicação da moral existente partindo do estudo da origem dos princípios morais de determinada sociedade. É através de um método, certa forma, investigativo e genealógico que o filósofo alemão estudou o significado e o surgimento da

5 NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, prefácio, §3, 1999, p. 340.

moral. Desta forma, foi necessário o estudo da moral, muitas vezes, do ponto de vista tradicional e filosófico. Na filosofia, a moral tem sido vista como princípios dos costumes e deveres do homem em grupo, e neste sentido, mesmo considerado anti-histórico, Nietzsche se preocupou em investigar o contexto histórico das modificações que a moral sofrera ao longo do tempo.

Dentre os pontos principais discutidos na *Genealogia da Moral* temos: o ascetismo, a vontade, a vingança, a *transvaloração* e notas sobre psicologia da consciência moral, pois para Nietzsche, bem e mal, bom e mau surgem pelas influências de interesses de classes, precisamente, do poder dominante. Assim, a obra instiga a investigação histórica e crítica da evolução dos conceitos morais nas sociedades. O objetivo do método nietzschiano é explicar a real verdade pela genealogia dos conceitos e à etimologia das palavras conhecendo a história de sua evolução como forma de penetrar na fonte de onde brotam a moral e os valores sociais. Além disso, o filósofo alemão tem sido contra todo tipo de razão lógica e científica, por isso, faz uma crítica à razão especulativa e a toda a cultura ocidental seja na religião, na moral, na filosofia, na ciência ou na arte.

Na *Primeira dissertação* da *Genealogia*, Nietzsche busca, a princípio, as raízes etimológicas dos conceitos de bom e mau se preocupando com o contexto em que surgiram. Neste sentido, ele percebeu que as palavras bom e mau expõem uma psicologia do cristianismo onde prevaleceu o surgimento do espírito de ressentimento contrariando os valores naturais e nobres; são inclinações características da própria nobreza, sendo que as classes

inferiores tentavam copiá-las (há uma inversão de valores pelos escravos, explica Nietzsche com a chamada *Moral dos Escravos*). A partir daí, temos a questão da *transvaloração*⁶ de todos os valores. Com o cristianismo, por exemplo, consolida-se a ideia de que o bom é aquilo que é pobre (humilde), simples e sem força. Por outro lado, temos tudo àquilo que é forte e nobre como algo ruim e, conseqüentemente, mal. De fato, o conceito de ‘bom’ e do ‘mau’, ‘bom’ e ‘ruim’, nasce da oposição da divisão das classes sociais, do pensamento de que o homem é um ser, naturalmente, dominante onde vive, pois, está intrínseco aos seus instintos de dominação. Portanto, é neste momento, que a genealogia da moral encontra sua real expressão.

2.2 A Moral do Senhor e do Escravo

Foram antes “os bons”, eles próprios, isto é, os nobres, poderosos, mais altamente situados e de altos sentimentos, que sentiram e puseram a si mesmos e a seu próprio fazer como bons, ou seja, de primeira ordem, por oposição a tudo o que é inferior, de sentimentos inferiores, comum e plebeu.⁷

Segundo Nietzsche, trata-se de um *pathos de distância* e é a partir daí que os homens tomaram para si o direito de criar valores, de cunhar nomes dos valores mediante as suas utilidades. Neste sentido, tal utilidade está ligada ao lançamento de juízos de valor supremos,

6 Segundo a filosofia nietzscheana, é a ideia de que os antigos valores moldados pela metafísica e pelo cristianismo devem ser suprimidos por conceitos mais afirmativos para a vida.

7 NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, §2, 1999, p. 341.

que ordenam e destacam uma hierarquia. Entretanto, o filósofo faz uma distinção entre o chamado *pathos da nobreza* com o *pathos da distância*. Ambos referem-se ao duradouro e dominante sentimento global e fundamental de uma espécie “superior” de senhores, posta em proporção com uma espécie inferior, com um “abaixo”⁸.

E é desta forma que Nietzsche mostra uma origem de oposição entre “bom” e o “mau”, além disso, mostrando que há uma diferença entre a moral dos nobres (senhores) e dos plebeus (escravos). A moral do nobre surge de um *dizer-sim* a si próprios (como uma afirmação da vida) e a moral dos escravos, um *não* (resignação ou negação da vida), ligado a um “fora”, a um *não-mesmo* e isto é seu ato criador. A moral do escravo está ligada ao ressentimento do ser, mas segundo Nietzsche, a moral dos escravos precisa sempre, para surgir de um mundo oposto e exterior, precisa, dito fisiologicamente, de estímulos externos para, em geral, agir; sua ação é, desde o fundamento, por reação.⁹ Ao contrário, a nobreza afirma-se, age e cresce espontaneamente.

Sobre a questão específica do ressentimento, o filósofo alemão mostrou que entre homens pobres e nobres, os pobres possuem, certa forma, um ressentimento mais esperto onde honram isso e veem como uma condição de existência de primeira ordem. Por outro lado, os nobres têm sua esperteza baseada apenas no seu refinamento e luxo. Nietzsche percebe que, a partir de tais análises, ele poderia provar que as palavras nascem dentro das circunstâncias de uma realidade histórico-social. E neste

8 NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, §2, 1999, p. 342.

9 NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, §10, 1999, p. 342.

sentido, temos a associação da classe dominante de que a classe plebeia é um conceito daquilo que é mau, em oposição à classe nobre, onde os homens privilegiados estão na nobreza e sendo esta quem promove o conceito de bom. Segundo Nietzsche,

Deve-se a essa origem que a palavra “bom”, de antemão, não se prende necessariamente as ações «não-egoístas»: como é a superstição daqueles genealogistas da moral. Em vez disso, somente com um declínio de juízos de valor aristocráticos acontece que essa oposição “egoísta” – “não-egoísta” se imponha mais e mais à consciência humana - é, para me servir de minha linguagem, o *instinto de rebanho* que, com ela, afinal, toma a palavra (e também as palavras).¹⁰

Isto demonstra que estes conceitos morais foram ensinados ao povo por suas utilidades e convenções que surgiram pela influência de povos dominadores sobre povos dominados, portanto, pela desigualdade social e a exploração de nobres sobre os plebeus. Nietzsche critica, por exemplo, os psicólogos ingleses que não souberam explicar a origem do *bem* e do *mal*, principalmente, sua história. Sobre os psicólogos ingleses, disse Nietzsche:

“Temos na origem” – assim decretam eles – “ações não-egoístas, louvadas, e denominadas boas por parte daqueles a quem foram demonstradas, portanto a quem foram úteis; mais tarde, temos essa origem do louvor esquecida, e as ações não-egoístas, simplesmente porque habitualmente eram louvadas como boas, sentidas também como boas - como se fossem em si algo de bom.” Vê-se logo: essa primeira derivação contém já todos os traços típicos da

10 NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, §2, 1999, p. 342, grifos do autor.

idiosincrasia inglesa de psicólogos - temos “a utilidade”, “o esquecimento”, “o hábito” e, em conclusão, “o erro”, tudo como alicerce de uma estimativa de valor da qual o homem superior tem-se orgulhado até agora como de uma espécie de prerrogativa do homem em geral.¹¹

2.3 A análise etimológica de *Bom* e *Mau*

Ele [Nietzsche] observa que a língua alemã contém duas palavras para mau: *Schlecht* e *Böse*. *Schlecht* era usada pelas classes altas para indicar as baixas, e significava ordinário, comum; mais tarde passou a significar vulgar, inútil, mau. *Böse* era usada pelas classes baixas para indicar as classes altas, e significava estranho, irregular, incalculável, perigoso, prejudicial, cruel.¹²

O método investigativo de Nietzsche consiste numa análise morfológica de *bom* e *Mau*. Temos, por exemplo, a palavra alemã *schlecht* (mau) sendo esta idêntica à palavra *schlicht* (simples). Daí, ele chega ao *schlichtsweg* (simplesmente) e *schlechterding* (absolutamente), o que traz, desde suas origens, a função de designar o homem simples como um plebeu. Analisando ainda a estrutura das palavras, Nietzsche, através do estudo do latim, faz outra analogia com a palavra *malus*, relacionada com *melas* (negro) que é usada para designar o homem plebeu, de cor morena e de cabelos pretos (*hic niger est*). Por outro lado, temos o “bom”, o “nobre”, o “puro” como o de cabelos loiros.

Durant cita Nietzsche: “O que é bom? [...] Ser bravo é bom.” O que é bom? Tudo aquilo que aumenta o sentimento de poder, a vontade de poder, o poder

11 NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, I, §2, 1999, p. 341.

12 DURANT, 1996, p. 387.

em si mesmo, no homem.¹³ *Bom* é aquilo que sobrevive e que vence; *mau* é aquilo que cede e fracassa¹⁴. Além de o filósofo comparar os conceitos de bom e mau com as classes sociais e suas etnias, também os relaciona à questão da força e da fraqueza do indivíduo. De fato, Nietzsche foi um pensador muito mal interpretado quanto à questão do Forte, que tem vontade de poder e quanto à concepção do *Além-do-Homem*¹⁵. Assim sendo, o *bom* é aquele que é forte, destemido e que afirma a vida; e *mau* é aquele que é fraco, que teme e nega a vida¹⁶.

A finalidade de Nietzsche foi tentar buscar a verdade de uma forma imparcial e investigativa na construção de uma verdadeira história da Moral na sociedade. O filósofo também critica o papel dos historiadores no que concerne à genealogia da moral onde muitos julgaram por serem incompetentes e, certa forma, a-históricos, ou seja, desprovidos do que ele chama de *espírito histórico*. Alguns historiadores não conseguiram entender uma proveniência conveniente para o conceito e juízo de “Bom”. Segundo o filósofo alemão, tal conceito de bom foi estudado e posto num lugar errado onde se

13 DURANT, 1996, p. 393.

14 DURANT, 1996, p. 371.

15 Trata-se de uma má tradução do termo original alemão *Übermensch* colocado, equivocadamente, como “Super-homem”, ou seja, algo que persiste em colocar apenas uma imagem aprimorada do homem. Sobre o Além-do-homem, diz Durant (1996, p.393): “Um homem assim nascido e criado estaria além do bem e do mal; não hesitaria em ser Böse se o seu propósito assim o exigisse, seria mais destemido do que bom.”

16 Segundo Nietzsche, o homem deveria lutar pela transvaloração de todos os valores, mas rompendo com o já estabelecido, isto é, a tradição.

põe um juízo “bom” equivocadamente. Conclui-se que, a análise do conceito de Bem e Mal em Nietzsche está ligado ao fator moral e político, certa forma, diferente de uma discussão metafísica ou ontológica acerca destes conceitos. Bem e mal, precisamente, o Bom e Mau, abordado na *Primeira Dissertação* da *Genealogia da Moral*, representa a oposição de classes sociais entre os senhores e os escravos marcados pelas desigualdades e pelos conflitos ideológicos sociais.

Tanto o fator político como psicológico e ideológico é analisado por Nietzsche.

Portanto, o filósofo bota em cheque a relação nobre/escravo no que diz respeito ao fator psicológico entre ambos: o nobre como aquele que se afirma espontaneamente e o escravo como aquele que se resigna e se nega no ressentimento. Neste sentido, é importante notar a relação de forças tanto ativas e passivas, positivas e negativas da vida entre supostas classes dominantes e dominadas. Nietzsche, precisamente, tenta investigar em que sentido é realizado e posto os valores de *Bom* e *Mau* na sociedade, a partir de uma rigorosa análise filológica e histórica da moral.

Considerações finais

A problemática filosófica acerca do Bem e do Mal nos levou necessariamente para uma investigação histórica e filológica da moral. Evidentemente, Spinoza e Nietzsche foram exemplos de pensadores que viveram em períodos totalmente distintos, além disso, suas explanações teóricas também foram um

tanto divergentes. Spinoza era considerado por alguns como o “racionalista por excelência” ou o filósofo do *racionalismo absoluto*. Por sua vez, Nietzsche, um grande filólogo e estudioso da cultura grega, é visto como um filósofo anti-racionalista, apesar que em sua carta a Overbeck¹⁷, mostra seu interesse por Spinoza.

Tais pensadores viveram em épocas que predominavam a intolerância religiosa como os fanatismos, as superstições e as submissões massivas em relação a uma moral preestabelecida por moldes metafísicos e judaico-cristãos. A necessidade de certa associação ou paralelismo entre ambos é devido ao fato que tanto em Spinoza como em Nietzsche, existiu uma crítica aos valores e às verdades de caráter absoluto como as ideias de perfeição e de imperfeição, belo e feio, de bem e de mal, etc. Spinoza, no século XVII, conclui na sua *Ética*, parte IV, que Bem e Mal não passam apenas de modos do pensamento (atributo pensamento do modo finito); que são conceitos que em si não são nada, pois, segundo o autor, na Natureza, a Substância (Deus), não existe tais conceitos. Porém, pelo atributo humano,

17 Nietzsche, em 1881, numa carta a Franz Overbeck, mostrou sua admiração pela filosofia de Spinoza mostrando este como o seu precursor. Sobre a relação em comum entre Spinoza e Nietzsche cf. MARTINS, A.; SANTIAGO, H.; OLIVA, L. C. (Org.). *As ilusões do eu, Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.13: “[...] Nietzsche reconhece em Spinoza seu precursor – ‘e que precursor!’, exclamou certa vez [na referida carta a Overbeck]. Porque, justamente, Spinoza havia empreendido a crítica do sujeito metafísico e de suas ideias correlatas: o livre-arbítrio, a ordem moral do mundo, a existência do bem e mal como valores transcendentais, a ideia de causa final e de um desinteresse possível.”

Bem e Mal conseguem ser relativos se analisados pela experiência dos corpos, ou seja, seus encontros e suas relações de composição e de decomposição. Assim, o Bem é aquilo que é útil e que estimula ou aumenta minha Potência de agir (o *conatus*), ao contrário, o Mal como aquilo que me impede de alcançar tal utilidade, e assim, diminuindo minha Potência de agir. Além disso, há um ponto na filosofia spinozista referente à questão da liberdade humana que merece destaque: como bem explica, em sua *Ética*, Parte IV, o *homem livre* seria aquele que não formularia ou não pensaria em conceitos como Bem e Mal.

Nietzsche, no século XIX, tentou mostrar com historicidade e com argumentos etimológicos, os conceitos de Bem e mal, bom e mau, à medida que analisa a relação das classes sociais. Por meio dos estudos acerca da moral do que ele chama do Senhor e do Escravo, Nietzsche percebeu a genealogia da moral por meio da descoberta de uma inversão de valores entre bem e mal. O filósofo alemão concluiu que, o bem (Bom) é aquele que é forte, que tem uma afirmação ou potência de vida e o mal (Mau) é aquele que, ao contrário, tem negado a vida e que carece de potência. Ao contrário, segundo o cristianismo, Bom era o pobre e plebeu e Mal era aquele que era nobre e rico. Neste sentido, podemos perceber o que há de comum entre Spinoza e Nietzsche: para Spinoza, bem e mal são modos do pensar que estão associados ao aumento ou a diminuição de nossa Potência de agir e ele nos diz que a condição para o homem livre é não pensar ou formular tais conceitos. Para Nietzsche, não muito diferente, bem

e mal, segundos os estudos da *Genealogia da Moral*, estão ligados à força ou à fraqueza, à potência do indivíduo e à afirmação ou negação deste. Além disso, como no homem livre de Spinoza, temos em Nietzsche, a ideia do *Além-do-homem* como um ser não definido ou hipotético cujo espírito é livre de valores morais, pois está além do bem e do mal¹⁸.



18 Sobre aqueles indivíduos considerados espíritos livres, Cf. NIETZSCHE, F, *Para Além de Bem e Mal*, II, §44, 1978, p. 276, grifos do autor: “O que há de admirar, se nós, ‘espíritos livres’, não somos exatamente os espíritos mais comunicativos?, se desejamos, sob todos os aspectos, denunciar *de que* um espírito livre pode tornar-se livre e *para onde*, talvez, ele será levado então? E, no que diz respeito a perigosa fórmula: ‘para além de bem e mal’, com que nós pelo menos nos guardamos de ser confundidos: somos algo outro que ‘libres penseurs’, ‘*liberi pensatori*’, ‘livres pensadores’ ou como todos esses bravos porta-vozes das ‘idéias modernas’ gostam de se denominar”

Referências bibliográficas

DURANT, Will. **A História da Filosofia.** Tradução de Luiz Carlos da Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).

FEITOSA, Cristiano Gomes. **O que promove a Genealogia da Moral de Friedrich Nietzsche.** Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=10718>. Acesso em 7 de Out de 2013.

MARTINS, A.; SANTIAGO, H.; OLIVA, L. C. (Org.). **As ilusões do eu, Spinoza e Nietzsche.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

NIETZSCHE, F. *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos.* In: **Nietzsche.** Seleção de textos: Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

_____. *Para Além de Bem e Mal.* In: **Nietzsche.** Seleção de textos: Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

_____. *Para a Genealogia da Moral.* In: **Nietzsche.** Seleção de textos: Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Tradução bilíngue latim-português de Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2010.

